



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

VINÍCIUS FERREIRA DA CUNHA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VÍRGULA EM CONTEXTOS
DIVERSOS: USO, CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DE SENTIDO**

LAVRAS – MG

2021

VINÍCIUS FERREIRA DA CUNHA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VÍRGULA EM CONTEXTOS
DIVERSOS: USO, CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DE SENTIDO**

Arquivo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: Júlio César Machado

LAVRAS - MG

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Conceição Silva Cunha, a qual sempre acreditou em mim e nunca se furtou de me apoiar nos momentos dos quais mais precisei. Obrigado, mãe!

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer a todos aqueles que me apoiaram durante esta jornada, a saber, à mãe de meu filho, Fabiana, a qual soube entender os momentos em que não me fiz presente junto a ele, devido a trabalhos e afins; a ele, meu filho, que, mesmo sendo criança, compreendeu que em alguns momentos eu precisava de me ausentar para alcançar os meus objetivos e lutar para um futuro melhor para todos; a meus pais; a meus irmãos; a meus alunos; e, sobretudo, a Deus, força que me conduziu até aqui e não permitiu que eu desistisse, fazendo-me forte e vencedor.

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VÍRGULA EM CONTEXTOS DIVERSOS: USO, CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DE SENTIDO

Autor: Vinícius Ferreira da Cunha

Orientador: Júlio César Machado

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a análise da vírgula em contextos diversos, seja no tocante ao seu uso e a sua concepção, seja no que se refere às relações de sentido produzidas por ela. Nesse viés, o objetivo principal do trabalho é analisar a vírgula como um objeto que constrói sentidos nas relações discursivas, nos enunciados, ou seja, além das prescrições gramaticais, de modo que se procurou explicá-la num vértice que não se limita à gramática normativa, considerando-se também as ideologias dos sujeitos envolvidos, a posição de quem fala e/ou de quem ouve, os subentendidos, as formações imaginárias, as antecipações e outros. Como metodologia, usou-se de uma pesquisa exploratória, com um método bibliográfico e uma técnica qualitativa, a partir de um referencial teórico pautado na análise do discurso e corpus diversos, a saber, um livro literário que trata sobre a vírgula (“Ora, vírgulas”) e uma gramática normativa que proporcionou a observação de enunciados distintos, como um poema sobre o assunto em pauta e construções em que a vírgula figurou como protagonista e construtora de sentidos. Por conseguinte, após análise dos enunciados, observou-se que a utilização da vírgula não se explica somente a partir de regras gramaticais, haja vista que até os estudiosos se divergem sobre essa temática; isto é, a colocação ou não da vírgula numa construção tem a ver com os sentidos, é passível de rompimentos e rupturas, não é transparente, depende do momento de produção do discurso e das pessoas envolvidas nele, sendo, acima de tudo, desuniforme.

PALAVRAS-CHAVE: Vírgula. Relações. Discurso. Sentido. Enunciados.

ABSTRACT

This study addresses the analysis of the comma in different contexts, either regarding its use and conception, or the meanings produced by it. In this sense, the main goal of this work is to analyze the comma as an object that creates meanings in discourse relations or in statements. In other words, in addition to prescriptive grammar, we tried to explain it in a way that is not limited to normative grammar. We also considered the ideologies of the subjects involved, the position of the speaker and/or the listener, implicit information, imaginary formations, anticipations, among others. The exploratory research was the method applied in this study, which encompasses a bibliographic method and a qualitative technique, based on a theoretical framework of discourse and corpus analyses. Additionally, we used a

literary book about commas, *Ora, vírgulas!*, and a normative grammar that allowed the observation of different statements, such as a poem about the given subject and statements in which the comma was the protagonist and creator of meanings. Therefore, after analyzing the statements, we noticed that the use of the comma is not explained only by grammatical rules — even scholars have different opinions about this topic. In this regard, the use of the comma in a statement is related to the meanings. It may break, it is not transparent, and it depends on the moment of speech production and the people involved in it. Most importantly, the use of the comma is uneven.

Keywords: Comma, Discourse Relations, Speech, Sense, Statements.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO	9
2.1	Concepção teórica	9
2.1.1	<i>Pressupostos gerais da AD, com base no livro Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos, de Eni Orlandi</i>	9
2.2	Análise de fragmentos dos Corpus	15
2.2.1	<i>Ora, vírgulas</i>	15
2.1.2	<i>A gramática para concursos públicos</i>	19
3	CONSIDERAÇÃO FINAIS / CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

Há várias línguas no mundo e, inicialmente, faz-se necessário conceituar o objeto língua, que tem significados diversos e, ao mesmo tempo, complementares. Sob o ponto de vista denotativo, dicionarista, Ferreira (2010, p. 468) assim a define: “Conjunto das palavras e expressões, faladas ou escritas, usadas por um povo, por uma nação, e o conjunto das regras da sua gramática”. Num sentido mais gramatical, Bechara (2015) entende-a como o meio pelo qual a linguagem se realiza, sendo um sistema de isoglossas utilizado por uma comunidade de falantes. Não obstante, este trabalho analisará a língua no tocante ao discurso, para que, desse modo, seja vista “[...] fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2020, p. 15).

Quanto à Língua Portuguesa, em si, sabe-se que é o idioma oficial de oito países, incluindo, obviamente, Portugal e o Brasil, onde há o maior número de falantes da “Última Flor do Lácio”, como ela foi apresentada por Camões (CEGALLA, 2010). Nesse contexto, naturalmente, frases, orações, parágrafos e textos são escritos cotidianamente, o que requer, via de regra, uma noção básica sobre as regras de pontuação, principalmente no que se refere à vírgula, a qual, conforme entendimento de Piacentini (2012), não é somente uma pausa, pode ser usada subjetivamente, seu uso está longe de estar padronizado, por não haver regras absolutas, e seu principal objetivo é esclarecer, não dando margens para ambiguidades; logo, pode modificar o sentido do discurso e dos argumentos.

Nesse viés, o fenômeno vírgula será investigado sob um prisma que vai além do conjunto de regras normativas que procuram determinar seu uso, a saber, a Análise de Discurso (AD), tendo-se como norte as relações discursivas, e é esse o objetivo da pesquisa, ou seja, analisar a construção dos sentidos nas colocações da vírgula em diferentes discursos, com base nessa teoria. Assim, fragmentos de corpus diversos, como recortes do livro infantil “Ora, vírgulas”, de Rosana Rios, e de “A Gramática para concursos públicos”, de Fernando Pestana, serão submetidos a uma rigorosa observação dos motivos que ensejaram a utilização da vírgula, procurando-se entendê-los com base na teoria deste estudo. Desse modo, observar-se-á o fenômeno vírgula na língua escrita, em textos com circulação social, não apenas de maneira abstrata e aleatória.

No tocante à AD, Orlandi (2020, p. 7) afirma que “[...] não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente do discurso dos signos”; ademais, na produção de um discurso, o sujeito se depara com uma interseção, tendo de um lado a memória institucional (aprendida e normatizada) e de outro a memória que se constitui pelo esquecimento, tornando possível o diferente, o atípico, o rompimento etc. Por conseguinte, ao se enxergar a colocação da vírgula num discurso, há dois vieses disponíveis: o cristalizado, que se justifica de acordo com as convenções gramaticais e linguísticas, e o provisório, aquele que, conforme se interpreta em Orlandi, está sujeito a interpretações não de acordo com as normas gramaticais, mas, sim, baseado nos movimentos dos sentidos, errância dos sujeitos, incertezas e afins. (ORLANDI, 2020).

Assim, esta pesquisa se justifica para que os leitores e escritores tenham conhecimento de que não há um paradigma para o uso da vírgula nos textos, haja vista que até mesmo os estudiosos (linguistas, gramáticos e outros) não têm um consenso sobre sua utilização, podendo isso ser explicado não somente a partir de normas, mas também por meio de uma análise discursiva, por meio da qual se pode observar vários aspectos da AD. Outrossim, há de se mostrar que a pontuação, então, é utilizada para cumprir determinados propósitos da enunciação, como a enumeração, explicação, citação, explicitação e outros.

Dessarte, no próximo capítulo, desenvolvimento, há uma explanação mais detalhada da concepção teórica (AD) que é pilar para esta pesquisa e a análise do corpus supracitado, de forma a entender como a vírgula se estabelece em situações discursivas. Por fim, as considerações finais/conclusão, as quais retomam, num todo, o que foi analisado e confirmam a importância da pesquisa para vários estratos da sociedade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Concepção teórica

Para se pesquisar um assunto, o pesquisador pode seguir vários caminhos e ter inúmeras posturas diferentes, mas, para nortear seu trabalho e não se investigar ao léu, espera-se que adote uma ou mais teorias para análise do corpus. Desse modo, conforme já susodito, escolheu-se a Análise de Discurso para explicar o fenômeno vírgula em diferentes recortes linguísticos, de maneira que se faz necessário explicá-la sinteticamente nos parágrafos abaixo.

2.1.1 Pressupostos gerais da AD, com base no livro Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos, de Eni Orlandi

Conforme apresentado na introdução, a teoria para análise do corpus “vírgula”, deste trabalho, é a Análise de Discurso (AD), do francês Michel Pêcheux; para isso, o pesquisador deste artigo em pauta se utilizou de conceitos e estudos dispostos no livro “Análise de Discurso”, de Eni Orlandi, referência da teoria no Brasil.

Sua obra é composta de 98 páginas e já foi editada mais de 10 vezes, trata sobre princípios e procedimentos sobre a AD, apresentados em prefácio, 3 capítulos (O discurso; Sujeito, História, Linguagem; Dispositivo de Análise) e conclusão. Explicitamente, não aborda o assunto pontuação dos discursos, nem de maneira geral, nem específica (no tocante à vírgula), contudo permite ao leitor abstrair entendimentos que permitem uma investigação da vírgula no discurso além do gramatical.

Essa afirmação se dá por inúmeros fatores, um deles é que “[...] não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos”. (ORLANDI, 2020, p. 7). Nesse viés, é possível compreender que, quando um autor, ao pontuar o seu ou o discurso de outrem, não o faz apenas se baseando em conhecimento empírico ou normativo, mas, também, de maneira pessoal, seja lá qual o motivo.

No tocante ao discurso, a mesma autora o entende como algo relacionado ao “[...] movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de trajetos, de ancoragem

e de vestígios”. (ORLANDI, 2020, p. 7). A mesma pesquisadora acredita que entender como os discursos funcionam é se colocar na encruzilhada de um duplo jogo da memória, com uma perspectiva de memória institucional (estável e cristalizada) e outra que se constrói pelo esquecimento, aflorando o diferente, a ruptura, o outro. Nesse sentido, torna-se possível compreender, sob o ponto de vista do autor deste artigo, que Orlandi enxergaria o uso da vírgula sob vértices diferentes, inclinando-se para aquilo que faz sentido e não apenas se explica por uma ou outra regra.

Pelo que se observa da autora, é importante frisar que a AD se interessa pelo homem falando, pela palavra em movimento e não observa a língua enquanto sistema abstrato, mas, sim, como se coloca no mundo e produz sentidos, considerando a linguagem como algo não transparente. Essa analista cita M. Pecheux (1975) e leva o leitor à reflexão de que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 15). Logo, por detrás de um discurso, há um indivíduo que se assujeita interpelado pela ideologia.

Gramaticalmente falando, ao se analisar o discurso, têm-se alguns elementos disponíveis, como emissor, receptor, código, referente, mensagem, canal e código, os quais, geralmente, são visualizados de maneira muito ímpar, separados. Todavia, Orlandi (2020) não os vê assim, independentes e sequenciais, pois a significação de um discurso seria simultânea, com locutor e interlocutor (re) significando em conjunto e não de maneira individualizada.

E o que essa significação conjunta teria de relação com a vírgula? Ora, se ao discursar o emissor usa de um conjunto de signos para se fazer entender, quando pontua seus textos também procura realizar o mesmo, de maneira a produzir sentidos e espera que o interlocutor entenda sua colocação para que o discurso seja compreendido na íntegra, porquanto “[...] o discurso é efeito de sentido entre locutores”. (ORLANDI, 2020, p. 20).

Ademais, cumpre deixar claro que a AD, do que se pode absorver da mesma autora em baila, se diferencia da hermenêutica, pois tem como foco a compreensão de como os objetos simbólicos fazem sentidos, considerando que não há uma verdade oculta e que, para isso, faz-se necessária a interpretação (analisando contexto e contexto imediato). Desse modo, é de bom alvitre ressaltar que “[...] os sentidos não se encontram apenas nas palavras, nos textos, mas na sua

exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. (ORLANDI, 2020, p. 28).

Para Orlandi (2020), algumas considerações podem ser feitas, ainda, em relação ao discurso, como as condições de produção, que se referem às circunstâncias da enunciação, aos contextos sócio-histórico/ideológico e à memória, tratada como interdiscurso (lugar de onde se originou o possível posicionamento do sujeito). Por conseguinte, ao pensar a vírgula nessa concepção, vários são os pontos que se colocam a favor para que ela seja analisada além de normas/regras.

Nesse segmento, o analista não se pode dar ao luxo de confundir interdiscurso com intertexto; este se relaciona a conteúdos explícitos e em uma relação de um texto com outros; aquele a um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o dito, de modo que em “[...] um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome”. (ORLANDI, 2020, p. 32). Assim, o objeto vírgula se coloca no texto, muitas vezes, não somente porque está prescrito em outros locais (consultáveis) que deva ser de tal maneira, mas, também, porquanto já se consolidou como algo “sem autoria” e que impera no discurso; como exemplo o fato de, via de regra, não se separar o termo sintático “sujeito” do “verbo”; quem o faz e tem conhecimento, executa se assujeitando a uma voz sem nome.

Nesta fundamentação também traz à baila outros princípios, como esquecimentos, paráfrase e polissemia. O primeiro se resume em acreditar que o dito só poderia ser feito daquela maneira e/ou como sendo ele a origem da enunciação; o segundo se assenta no fato de que todo dizível mantém um já dito noutra momento, o que seria a memória; e o terceiro no deslocamento, ruptura de processos de significação, jogando com o equívoco. Princípios que podem ser encontrados em diversos corpus, ao se ver a vírgula por um ângulo diferente.

Algo que também se deve trabalhar na análise do objeto do corpus são as formações imaginárias, as quais se resumem em relações de sentidos (um discurso se mantém pois é sustentado por outros, seja por algo já dito, seja por aquilo que se vai dizer); a antecipação, que, em suma, é a capacidade de o sujeito (emissor) se colocar no lugar do receptor e vice-versa, experimentando e fazendo sentindo ao discurso antes e durante o dizível; e a relação de forças, a qual se relaciona com o lugar de onde fala o sujeito, isto é, a título de exemplo, a fala de um treinador tem

mais força que a dos jogadores, a do padre que a dos fiéis, a do professor que a dos alunos. (ORLANDI, 2020).

Complementar ao susodito, Orlandi (2020) traz à tona uma imersão num tópico muito importante da AD, a formação discursiva, que permite ao analista entender que o sentido não existe em si próprio, pois se determina pelas posições ideológicas que estão em jogo na produção das palavras e textos; que a formação discursiva é quem determina o que pode e deve ser dito, partindo-se de uma posição dada em uma hipótese sócio-histórica; então, que os sentidos são sempre determinados ideologicamente, isto é, as formações discursivas são representações das ideológicas.

É a partir dessa posição que se chega ao entendimento da noção de metáfora na AD, não com uma figura de linguagem, mas como a “[...] tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam”. (ORLANDI, 2020, p. 42). Aqui cabe, mais uma vez, adentrar ao objeto vírgula no discurso, de que seu uso (formação discursiva) se dá conforme a ideologia e metaforicamente, estabelecendo significados diversos no discurso.

Outro ponto que se pode expor e que se compreende por meio da formação discursiva são os diferentes sentidos que as mesmas palavras têm, a depender de quem fala, como fala, para quem fala etc.; assim, ao se conjecturar a utilização da vírgula por esse caminho, não há dúvidas de que para uns ela pode exprimir um significado e para outros algo distinto. Como exemplo, cita-se a utilização da vírgula para separar o vocativo, algo que será analisado no corpus; para uns fica claro que o que está separado pela pontuação é um chamamento; para outros a vírgula ou as vírgulas ali não se significam.

Orlandi (2020), ao se aprofundar na temática ideologia e sujeito, afirma que não há sentido sem interpretação e que essa não é apenas um gesto de decodificação, mas condição necessária para estabelecimento do sentido; que é a partir da ideologia que o sujeito se constitui e dá sentido aos discursos, estabelecendo a relação entre linguagem e mundo. Dessa maneira, o sentido de um discurso é relativo, pois depende de quem interpreta e da ideologia dos interlocutores, da posição em que ocupa.

A ver com a AD, há um conceito chamado de incompletude, o qual abarca movimento, deslocamento e ruptura. Para Orlandi (2020, p. 50), “a condição da

linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente”.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2020, p. 51).

Portanto, o autor, ao produzir um discurso, não o faz apenas por um conjunto de saberes gramaticais, haja vista que recebe a influência da língua e de suas experiências, em suma, de fatos que reclamam sentidos, deixando de lado seus esquecimentos “apagados” na memória, que o fazem acreditar que aquele objeto só se estabelece daquela forma ou até mesmo que a origem do sentido está primeiramente ali, não sendo oriunda de nenhum outro dito ou não dito.

A AD, conforme vem se percebendo nesta teorização, não procura sentido verdadeiro no discurso, pois uma mesma palavra ou um mesmo símbolo pode significar diferentemente, de sorte que o analista se posiciona de uma maneira que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições e assim se dá com a análise do objeto vírgula.

Para Orlandi (2020, p. 70), “o texto, como dissemos, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a apresentação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho”. Nesse sentido, toda análise do texto, referente ao discurso, tem que se levar em conta as condições de produção, porquanto é um fator que determina e reclama sentidos.

A autora desta fundamentação e concepção teórica deixa explícito que o que há de real no discurso é a descontinuidade, a incompletude, o equívoco e afins; que a coerência, a unidade e a não contradição se colocam apenas na instância do imaginário. Ora, se assim se dá então a relação discursiva, não é pedância afirmar que o comportamento da vírgula segue essa mesma dicotomia.

Outro ponto que merece destaque em Orlandi é o entendimento em relação a autor, locutor e enunciador. O segundo seria o “eu” do discurso, o terceiro a perspectiva que esse “eu” assume e neles não são visíveis os procedimentos normativos, os quais ficam a cargo do “autor”. É desse último que é exigido:

Coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância e, entre outras coisas, unidade, não contradição, progressão e duração de seu discurso, ou melhor, de seu texto.” (ORLANDI, 2020, p. 74).

Acima, mais uma vez, analisando-se o ponto de vista de Orlandi, o autor desta pesquisa acredita que a estudiosa veria a vírgula sob um prisma da incompletude, da dispersão, da contradição e de outros atribuídos ao locutor/enunciador, de modo que a obediência às orientações linguístico-gramaticais (regras e paradigmas) ficariam a cargo do autor, estabelendo-se uma dicotomia.

Além do supracitado, não restam dúvidas de que na análise de um discurso é preciso se atentar para “o dito”, mas não se pode descartar o “não dito”, o qual, em não raras ocasiões, também reclama sentido. Um dos principais, senão o principal estudioso do “não dito” é O. Ducrot, precursor da teoria da Argumentação na Língua (ADL). Sob essa perspectiva, dois não dizeres são destaques: pressuposto e subentendido; este depende do contexto e não necessariamente está ligado ao dito e aquele se “encontra” no próprio dito e posto. Fato é que são vários os fatores que se relacionam com o não dizer, como interdiscurso, ideologia, formação discursiva etc. (ORLANDI, 2020).

Por esse ângulo, quando uma vírgula, às vezes, não é colocada no texto de um discurso, ou até mesmo quando é, ela pode estar significando algo não dito. Exemplo disso é a vírgula vicária, utilizada para suprimir um já dito, para se evitar a repetição de termos, que marca uma elipse ou até mesmo a figura de linguagem zeugma, e que será analisada no corpus.

Por esse mesmo ângulo:

“Vale lembrar que há outra forma de se trabalhar o não dito na análise de discurso. Trata-se do silêncio. Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” (ORLANDI, 2020, p. 81).

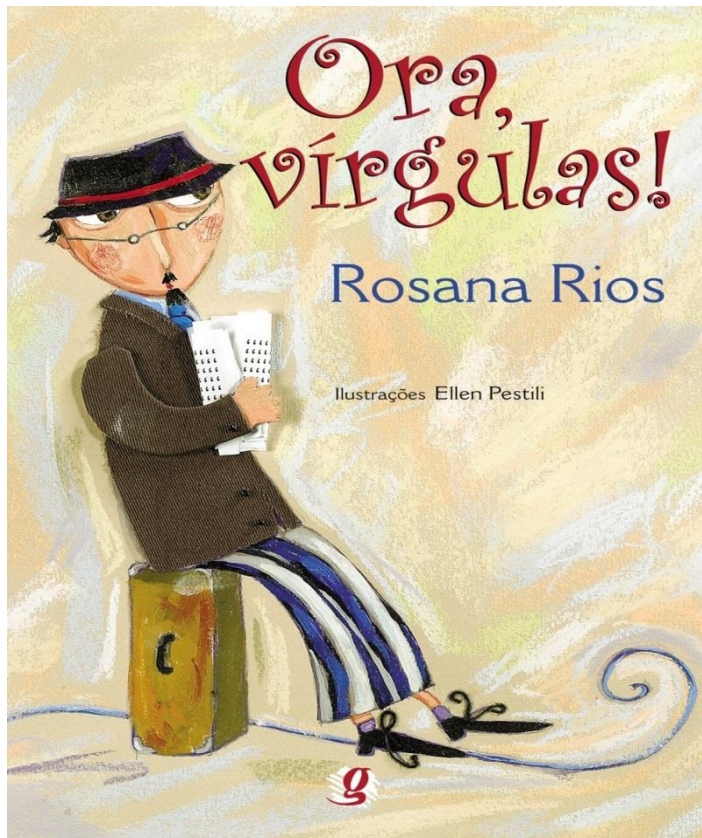
Logo, se o autor não virgula alguma frase e/ou oração, desconsiderado o desconhecimento gramatical, pode ser que ele estaria deixando implícito algo, o qual por distintos motivos não estaria sendo dito, como para provocar um efeito de humor, criar ou desfazer uma ambiguidade, realçar, especificar ou generalizar etc., ou ainda porquanto, pelo lugar, não se poderia dizer.

Por conseguinte, realizada a concepção teórica da Análise de Discurso, mediante princípios e procedimentos reclamados por Eni P. Orlandi, é de bom alvitre

conhecer o corpus selecionado pelo autor deste trabalho e perceber que a AD encontra possibilidades de compreensão nos mais diversos contextos.

2.2 Análise de fragmentos dos corpus

2.2.1 Ora, vírgulas!



O livro infantil “Ora, vírgulas”, da autora Rosana Rios, conta a história de um grupo de amigos que se reúne para investigar o sumiço das vírgulas nos livros, revistas, jornais e outros, as quais estavam sendo comidas por pássaros, que não estavam encontrando mais comida disponível e tinham deixado de ser alimentados.

Nesse sentido, far-se-á uma análise de parte da obra, mais precisamente de trecho do prólogo, quando a personagem Stela senta-se no degrau do quintal de sua casa, abre um livro e depara com o seguinte embaranhado de palavras: “O menino sabido como ele só tinha uma cachorrinha com três filhotes e o pai do menino era uma gata amarela esperando cria também do menino era todo bicho que aparecesse no quintal com cara de fome”. (RIOS, 2008, p. 5).

Stela bem que percebeu um canto diferente no quintal. Não prestou atenção; devia ser mais um passarinho a catar as migalhas de pão sacudidas da toalha da mesa.

Ainda com gosto de pão com manteiga na boca, a menina saiu da cozinha e sentou-se no degrau que dava para o quintal. Pegou o livro que deixara ali caído, antes de entrar para tomar café.

E quase caiu do degrau quando começou a ler! O livro dizia:

*O menino sabido como ele
só tinha uma cachorrinha
com três filhotes e o pai do menino
era uma gata amarela esperando
cria também do menino
era todo bicho que aparecesse
no quintal com cara de fome.*

5

Sob essa perspectiva, fica sem entender e pensa ter ficado biruta, pois, pela leitura, há a compreensão de que o pai da menino era uma gata, que o quintal tinha cara de fome, que o pai da cria da gata era o menino e outras frases sem possibilidade de entendimento. Dessa forma, percebe que o que faltavam ali eram vírgulas e que, mais importante que sua falta, era a falta de sentido devido a sua ausência.

A menina se reúne com seus amigos, enfrenta a desconfiança dos pais, do governo e de afins, mas consegue fazer que as vírgulas voltem para os textos ao alimentarem novamente os pássaros, fornecendo-lhes minhocas e migalhas de pão. Feito isso, pôde retornar com a leitura do livro, o qual, com a colocação da pontuação em análise, teve o mesmo trecho supracitado, agora, escrito da seguinte forma: “O menino, sabido como ele só, tinha uma cachorrinha com três filhos e o pai, do menino era uma gata esperando cria, também do menino era todo bicho que aparecesse no quintal, com cara de fome”. (RIOS, 2008, p. 37).

Stela prestou atenção ao ruído de asas que vinha do quintal. Espiou por uma fresta da porta e viu dois ou três pardais catando as migalhas que a mãe sacudira da toalha da mesa.

(Assim como todas as mães e avós da cidade haviam feito naquela manhã, e faziam em todas as outras manhãs do ano – para que ave alguma naquela cidade tivesse fome.)

Saiu e sentou-se no degrau. O livro continuava lá, a página marcada bem onde ela parara de ler, exatamente há uma semana. Sorriu ao perceber as vírgulas traçadas com caneta azul.

*O menino, sabido como ele
só, tinha uma cachorrinha
com três filhotes e o pai, do menino
era uma gata amarela esperando
cria, também do menino
era todo bicho que aparecesse
no quintal, com cara de fome.*

37

Analisando-se os dois techos, com base na teoria da Análise de Discurso há de se fazer inúmeras considerações, todavia expor-se-á aqui apenas algumas mais específicas e relevantes. Primeiramente, que “[...] os sentidos estão sempre administrados, não estão soltos” (ORLANDI, 2020, p. 8), isto é, o texto com a “esperada” colocação da vírgula é perfeitamente compreendido pelo fato de esse signo ser administrado (utilizado com consentimento e discricionariedade) e não colocado ao léu, evitando ambiguidades/anfibologias e entendimentos diferentes do real, de modo que a colocação desse sinal de pontuação não pode ser solta, ou seja, precisa ser estável e cristalizada, conforme exposto pela mesma autora, o que é chamado de memória institucional.

Além do mais, é sabido que “[...] o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores”, (ORLANDI, 2020, p. 20), e, assim, a colocação das vírgulas, embora obedeça a uma série de regras gramaticais contribui para o efeito de sentidos entre o autor do texto que a menina lia e a leitora. Portanto, o uso da vírgula ali não é uma “mero” acerto gramatical, mas, sim, uma questão de interpretação, a qual permite a correta assimilação do sentido, constituindo-se, como a mesma Orlandi traz à tona, como um gesto de interpretação e, ademais, como um objeto simbólico que produz sentidos. (ORLANDI, 2020).

Outro ponto a ser analisado, é o fato de que “[...] a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente”. Nesse viés, o texto “O menino sabido como ele só tinha uma cachorrinha com três filhotes e o pai do menino era uma gata amarela esperando cria também do menino era todo bicho que aparecesse no quintal com cara de fome” está incompleto e só fez sentido com a colocação das vírgulas, não obstante poderia romper (movimento, deslocamento e ruptura) com o significado que se deu com o uso da pontuação e produzir outro(s) sentido(s). Por exemplo, “O menino sabido como ele, só tinha uma cachorrinha com três filhotes, e o pai do menino era uma gata amarela, esperando cria também do menino era todo bicho que aparecesse no quintal, com cara de fome”; ou seja, com a outra parte da do duplo jogo da memória, fez-se entender, obviamente, de maneira imaginária, que o menino tinha uma gata amarela como pai e que todo bicho que aparecesse no quintal esperando cria teria como pai o menino, desde que estive com cara de fome. Literalmente falando é um sentido “impossível”, mas, no mundo das letras e da literatura, tudo é possível, pois os sentidos se refletem mediante discursos que já se realizaram, foram imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2020).

Outra possibilidade de sentido causada pela ruptura, movimento e deslocamento seria esta: “O menino, sabido como ele, só tinha uma cachorrinha com três filhotes e o pai, do menino era uma gata amarela esperando cria, também do menino era todo bicho que aparecesse no quintal com cara de fome”. Aqui se compreende que o menino era como ele próprio e que só tinha, na vida, uma cachorrinha com três filhotes e o pai, uma gata amarela e preta e que se tornava dono de todo animal que aparecesse no quintal, local que, por algum motivo, tinha cara de fome.

Nesse diapasão, há de imaginar que ele não tinha mãe, talvez por morte ou por uma fuga, sabe-se lá; que ele gostava muito de animais e se apoderava de qualquer um deles que vinha até seu quintal; e que não cuidava muito bem dessa horta, a qual, por sujeira, talvez, tinha aparência de fome. O que permite essas conjeturações é o que se chama na AD de “não dito”, mais especificamente de subentendido, o qual depende do contexto e fica a cargo, principalmente, do interlocutor, já que não está intimamente ligado ao dito. (ORLANDI, 2020).

Por conseguinte, o que se pode compreender da análise da obra em pauta é que “[...] o processo de produção de sentidos está sujeito ao deslize, havendo

sempre um ‘outro’ possível que o constitui”, (ORLANDI, 2020, p. 78), isto é, não há limitação para a sua consecução, a qual vai depender dos interlocutores envolvidos e dos signos utilizados para sua interpretação e compreensão.

2.2.2 A gramática para concursos públicos



A Gramática para Concursos Públicos, de Fernando Pestana, estudioso da língua portuguesa, está em sua 4ª edição e tem como foco ensinamentos voltados para concursos públicos, entretanto vai além e, de maneira muito objetiva, aborda conteúdos linguísticos complexos, servindo de base não só para candidatos a vagas públicas por meio de concursos, mas também a estudiosos e professores.

Seu corpo é composto de 1005 páginas, sendo 35 delas reservadas para o estudo da pontuação nos textos, com foco, sobretudo, no uso da vírgula. O autor enumera uma série de regras gramaticais que norteiam o seu uso, como casos obrigatórios, facultativos e proibidos. Coloca à disposição dos leitores um texto de campanha dos 100 anos da Associação Brasileira de Imprensa, que os leva a refletir sobre a importância da vírgula, mostrando como a sua colocação ou não muda o

sentido, o que vai ao encontro da noção de polissemia exposta por Orlandi (2020), a qual joga com o equívoco, permitindo o deslocamento e a ruptura. Eis o texto para reflexão:

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.
 Não, espere.
 Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.
 R\$ 23,4.
 R\$ 2,34.

Pode criar heróis.
 Isso só, ele resolve!
 Isso, só ele resolve!

Ela pode ser a solução.
 Vamos perder, nada foi resolvido!
 Vamos perder nada, foi resolvido!

A vírgula muda uma opinião.
 Não queremos saber!
 Não, queremos saber!

A vírgula pode condenar ou salvar.
 Não tenha clemência!
 Não, tenha clemência!
 Uma vírgula muda tudo!

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lido o texto, compreende-se que esse pequeno signo em análise, a vírgula, permite o que se chama, na AD, de criatividade, pois a sua mudança de posição na frase produz “[...] movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes”. (ORLANDI, 2020, p. 35). Nesse diapasão, vale ressaltar que, de acordo com a mesma autora:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que os sustentam, assim como para dizer futuros. (ORLANDI, 2020, p. 37).

Logo, conforme análise da primeira estrofe, ela pode ser uma pausa... ou não, desmistificando o senso comum de que vírgula é somente para marcar uma pausa. Ainda nesse contexto, a sua retirada das frases das estrofes é um apagamento e um

silêncio, um não dito, o qual “[...] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. (ORLANDI, 2020, p. 81).

Assim, quando se diz que ela pode condenar ou salvar, de fato há verdade nesse discurso, pois se veja bem: “A vírgula pode condenar ou salvar. Não tenha clemência. Não, tenha clemência”. A sua não colocação, o seu silêncio, dá a um suposto algoz a legitimidade para matar sem amenidade, enquanto seu posicionamento após o advérbio “não” mostra o posicionamento de um sujeito perante àquela cena com pedido de piedade, podendo ser um familiar, amigo ou a própria “vítima”.

Atendo-se às regras normativas expostas por Pestana, dá-se ênfase na que se refere à marcação de uma elipse verbal, também conhecida como vírgula vicária. O gramático moderno dá dois exemplos de seu uso: “O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares.” e “Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo”. (PESTANA, 2019, p. 678).

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*



Na primeira, sobretudo na oração inicial, há uma informação explícita de que o decreto regulamenta os casos gerais e ponto (na verdade ponto e vírgula), mas depois há aposição de “a portaria”, “de uma vírgula” e de “os particulares”. Analisando-se essa segunda informação, há muitas análises a serem feitas, dentre elas a de que existe uma movimentação de sentidos, o que contribui para a produção do discurso; movimentação essa que se dá a partir de uma colocação de vírgula após o sujeito, a qual não fere a orientação de não separação entre esse termo sintático e o verbo (o qual está elíptico); não pode, pois, ser algo tido como erro, porquanto é um objeto simbólico que produz sentidos e que “[...] está investido de significância para e por sujeitos”. (ORLANDI, 2020, p. 24).

Então, é de bom alvitre ressaltar que o enunciado a respeito da Copa do Mundo, supracitado, constrói-se por meio de uma inscrição na língua, não dependendo exclusivamente do raciocínio do leitor/interlocutor; nesse diapasão, há um posto (Romário ganhou a Copa do Mundo em 1994) e um pressuposto (Ronaldo ganhou a Copa do Mundo em 2002), sendo essa a posição de Cabral, 2019.

Ora, de um texto se espera coerência e coesão, de modo que a repetição de palavras, principalmente em trechos curtos, deve ser evitada; desse modo, não há apenas um recurso gramatical sendo usado, mas, sim, um signo que aparece no texto e apaga outro, a saber, o verbo “regulamentar”, que é compreendido no período devido a um posto anterior, ou seja, à informação de que “o decreto regulamenta os casos gerais”, possibilitando o estabelecimento de um pressuposto, o qual “[...] deriva propriamente da instância da linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 80).

Em relação à segunda frase: “Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo”., mais uma vez o autor utilizou de uma vírgula vicária para dar sentido à frase, mas, no período, há outra vírgula que também merece atenção e, sob essa perspectiva, algumas análises podem ser feitas em relação ao discurso. Primeiramente, o adjunto adverbial “Em 1994” é separado por vírgula, por mais que os principais gramáticos veem a colocação da pontuação em foco, diante de adjuntos adverbiais de curta extensão (geralmente até duas palavras), como facultativa, tendo-se como exemplo, sem aposição de vírgula, esta frase: “Com certeza é essa mesma a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista, ele só poder ter a mesma opinião que uma criança.” (NEVES, 2011, p. 246).

Não obstante, a mesma Neves (2011, p. 232) dá exemplo de fragmento textual em que a locução adverbial de longa extensão, geralmente mais de duas palavras, também pode figurar sem a colocação das vírgulas: “Mas não vou embora sem lhe provar de alguma maneira minha gratidão”. Dessa forma, conquanto não esteja tratando exclusivamente do objeto de pontuação em análise, vê-se que há espaço para diferentes sentidos e que, desde que não traga problema ao texto, o autor tem certa liberdade para tal propósito, sob um ponto de vista de funcionalidade, de uso.

Além do mais, a vírgula não é colocada após o adjunto adverbial só por uma questão gramatical, mas, também, para se dar ênfase e isso se explica mais por um viés discursista que normativo, conforme exposto por Orlandi (2020, p. 36) quando diz que “todo dizer é ideologicamente marcado. Logo, a colocação da vírgula após o “Em 1994” encontra respaldo na ideologia do autor, do qual se interpreta ser alguém que valoriza épocas e momentos, já que, caso se deixasse o termo acessório temporal sem vírgula a data poderia passar despercebida.

Quanto à vicária, após “em 2002”, além de substituir o predicado “ganhou a Copa do Mundo”, não apenas apaga esse termo essencial da oração (o predicado),

silenciando-o para que possa significar e fazer sentido, segundo entendimento de Orlandi (2020), mas também pelo mesmo motivo que o do início do período, enfatizar uma data, isto é, dar a ela lugar de destaque, porquanto uma palavra ou símbolo “[...] na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva”. (ORLANDI, 2020, p. 58).

Ainda em relação ao silêncio, é válida a seguinte reflexão:

Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo. O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente. (ORLANDI, 2007, p. 27).

Dessarte, embora a norma padrão, por meio das inúmeras gramáticas, traga à tona a explicação para a utilização das pontuações no texto, nem tudo se explica objetivamente e está completo, ou seja, os movimentos, deslocamentos e rupturas podem ocorrer, visto que a “[...] incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também lugar do possível”. (ORLANDI, 2020, p. 50).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

Como se observou, este trabalho de conclusão de curso se propôs a analisar o uso da vírgula numa perspectiva além da gramatical, ou seja, sobre um viés pautado no discurso, mais precisamente na teoria da Análise de Discurso. Nesse viés, não se restringiu a explicar a vírgula a partir da observação de um conjunto de regras gramaticais existentes, as quais não são uniformes, em que pese não as desprezou; assim, a sua explicação se pautou nos princípios do francês Michel Pêcheux, considerado precursor da AD, a qual foi compreendida com base nos estudos de Eni Orlandi, autora de vários livros. Na obra dessa autora, “Análise de Discurso”, embora a temática vírgula não seja abordada explicitamente, foi possível entender esse fenômeno linguístico com base nos conceitos abordados.

Assim, com um rico corpus à disposição para análise, interpretou-se a colocação da vírgula a partir de conceitos-chave: interdiscurso, esquecimentos, relações de sentidos, ideologia, deslocamento, pressuposição e outros (estudos relacionados à AD). Todavia, esta pesquisa não pretendeu, em momento algum, desprezar as inúmeras regras gramaticais existentes para o uso da vírgula, mas, sim, mostrar que além delas há outros motivos que podem ensejar isso, sendo esse o objetivo da obra, isto é, trazer à tona que o uso ou não da vírgula também se embasa pelo efeito de sentido que se pretende provocar.

O trabalho é recomendado tanto a graduandos, os quais se deparam com a linguística e com a gramática no curso de formação, mas também a estudiosos diversos, dentre eles interessados em prestar concursos públicos, escritores ou simplesmente leitores, possibilitando um entendimento bastante diversificado da temática vírgula, mostrando-lhes que além das regras prescritas nas gramáticas que se inspiram na norma padrão da Língua Portuguesa, há outros fenômenos que também conseguem explicar o objeto de análise. Sob essa perspectiva, inúmeros desdobramentos podem se dar a este artigo, como publicação em revistas e afins, base de pesquisa para futuras tese e dissertação etc.

Recomenda-se a leitura integral das obras presentes no corpus; a primeira por ser uma literatura infantil, a qual pode auxiliar pais e professores a ensinar sobre a importância da vírgula aos alunos; a segunda por reunir pontos de vista de muitos estudiosos do assunto, permitindo um aprofundamento no assunto pontuação, inclusive com questões de concurso público, auxiliando, inclusive, no dia a dia.

Por conseguinte, o entendimento que se teve na pesquisa é que o assunto investigado é amplo e está em tona nos vários campos de estudo relacionados à língua: gramatical, literário, linguístico e discursivo; que é um fenômeno longe de uma consolidação e de um estabelecimento de padrões e que é extremamente importante no discurso e na argumentação, de forma tal que, para se falar em erro no tocante a sua utilização, há de se compreender vários aspectos e não somente os gramaticais.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. – 38. ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras** - 1. ed. – São Paulo : Contexto, 2019.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da língua portuguesa**. – 48. ed. rev. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- RIOS, Rosana. **Ora, vírgulas**. - 5. ed. – São Paulo: Global, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. - 8. ed. - Campinas: Pontes, 2020.
- _____. **As formas do silêncio**. - 6. ed. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2007.
- PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Só vírgula: método fácil em 20 lições**. – 3 ed. – São Carlos: EdUFSCar, 2012.